



TRABALHO DE CAMPO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM ESTUDO DE CASO

Relato de Experiência

Emerson Ferreira da Silva¹

Daniela Savi²

Irene Carniatto³

Resumo

Este trabalho é fruto de nossa experiência junto a uma turma da disciplina de Educação Ambiental (EA), do Mestrado em Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Tem como objetivo apresentar a importância do trabalho de campo como ferramenta para sensibilização com relação a questão ambiental. Nele, pretendemos demonstrar como tal atividade é capaz de enternecer os participantes para temas ambientais, e problematizar sobre as formas de abordar tais questões.

Palavras Chave: Educação Ambiental, trabalho de campo, sensibilização.

INTRODUÇÃO

Após a segunda guerra mundial, as preocupações com a questão ambiental ganham mais atenção, principalmente por conta do risco que as bombas nucleares passaram a representar. Diante disso, são iniciados os primeiros passos em direção a um debate mundial sobre a necessidade de ações para a proteção ambiental:

Em 1946, a política ambiental é retomada sob o patrocínio da UNESCO, na Suíça, e do governo francês. Em 1948, é criada a União Internacional para a Proteção da Natureza – UIPN -, que passa a denominar-se, em 1956, de União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais. (Galvão, 2006 p. 28)

Em 1962, é publicado o livro “primavera silenciosa” de Rachel Carson, onde a autora faz uma dura crítica ao uso intensivo de produtos químicos. A obra de Carson, considerada um dos livros mais importantes do século XX, inspirou o movimento ambiental mundo afora.

¹ Prof. da Educação básica técnica e tecnológica do IFPR. Discente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável. Quedas do Iguaçu, PR. emerson.ferreira@ifpr.edu.br.

² Discente do Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável. Foz do Iguaçu, PR. savi.daniela@hotmail.com.

³ Prof^a. Doutora, docente e pesquisadora do Colegiado de Ciências Biológicas da UNIOESTE, Professora do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Rural e Sustentável. Campus de Cascavel. Cascavel – PR. ireneccarniatto@gmail.com.

Na década de 1970 vários eventos ocorreram no sentido de promover o debate em torno das questões ambientais. Em 1972 a ONU criou o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Também na mesma década, ocorreu a conferência de Tbilisi, na Ex- União Soviética, onde foram definidos os princípios da EA.

Os anos 1980 foram marcados pelo agravamento dos problemas ambientais que passaram a ter seus efeitos mais visíveis, como no caso do acidente nuclear de Chernobyl, na Ucrânia (Marcatto, 2002).

Diante deste contexto, representantes de quase todos os países se reuniram no Rio de Janeiro, no início da década seguinte, para debater a questão ambiental a nível mundial. O encontro, que ficou conhecido como ECO-92, foi uma importante porta que se abria para o diálogo em torno de um novo modelo de desenvolvimento mundial para o futuro. Um dos resultados desse encontro foi um programa de ações conhecido como “agenda 21”, o qual tem todo um capítulo dedicado à EA.

Nosso objetivo neste trabalho é apresentar o trabalho de campo como uma das ações da EA em sintonia com a agenda 21, promovendo o respeito à natureza e às pessoas.

METODOLOGIA

Como pretendemos focar no humano e em suas relações subjetivas, optamos por uma abordagem qualitativa. Tendo sido este estudo realizado com um grupo de estudantes de uma turma de EA, o estudo de caso etnográfico, em nosso julgamento, revelou-se a proposição mais adequada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho de campo consistiu em diversas atividades realizadas ao longo de dois dias na cidade de Foz do Iguaçu-PR. Durante este período, os participantes estiveram totalmente envolvidos com o projeto, participando coletivamente de todas as ações previstas de modo que, a interação entre os membros do grupo proporcionou um estreitamento nas relações entre os mesmos, criando um ambiente informal.

Em várias etapas da atividade, o grupo teve a oportunidade de contemplar a natureza em seu estágio original. De acordo com “as concepções tipológicas sobre o ambiente”, identificadas por Sauvé (1997), acreditamos que a atividade desenvolvida se aproxima da primeira dessas concepções: o “ambiente como natureza”. Assim podemos observar que os participantes sentiram-se em um

ambiente do qual tiveram a oportunidade de “aprender a se relacionar para enriquecer a qualidade do ‘ser’” (Sauvé, 1997 p.02).

O fato do grupo estar em contato tão próximo à natureza, sempre com a intervenção de funcionários dos locais visitados ou mesmo da docente, criou a possibilidade de uma nova visão sobre a mesma. Para Boff (1999, p. 74), “a natureza vista como um todo não impõe prescrições.” Assim, a oportunidade de contemplá-la pode conduzir para uma relação de maior respeito para com a mesma.

De acordo com Marcatto (2002, p. 22), um dos princípios que devem nortear a EA, segundo a Conferência de Tbilisi, consiste em “Utilizar diferentes ambientes educativos”. Neste sentido, o trabalho de campo assume uma posição privilegiada ao proporcionar uma vivência direta com os temas trabalhados nas aulas teóricas e complementados durante a atividade externa. Assim, o ambiente fora da sala de aula, produz um clima de informalidade entre os estudantes e monitores, permitindo que o aprendizado se dê de forma mais natural.

Os resultados aqui apresentados ainda são parciais. Por se tratar de um estudo etnográfico, onde várias fontes serão utilizadas, outras informações serão adicionadas a este trabalho como entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos que participaram da atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de toda informação que a leitura de textos densos pode proporcionar, a experiência do contato direto com a natureza produz efeitos muito mais significativos, despertando para uma nova postura diante dos problemas ambientais.

Ao final da atividade, os participantes puderam relatar suas experiências, onde ficou muito evidente a sensibilização causada pelos dois dias de atividades intensas. Era notório o cansaço de cada um, que só não era maior que a expressão de satisfação pela experiência marcante que certamente tocou significativamente os corações, despertando para um novo olhar sobre a EA.

REFERÊNCIAS

BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do humano** – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Galvão, Maria Neuma Clemente. **Educação ambiental nos assentamentos rurais do MST**. Tese de doutorado. João Pessoa, UFPB/CE, 2006. Acesso em: 15 nov. 2016.

MARCATTO, Celso. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM, 2002. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/702363/Educacao-Ambiental-ConceitosPrincipios>> Acesso em: 28 out. 2016.

SAUVÉ, L. Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável: uma análise complexa. **Revista Educação Pública**, v.6, n.10, p. 72-102, 1997. Disponível em:
<http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev10/educacao_ambiental_e_desenvolvim.html.>